



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do Centro Nacional em Tecnologia Eletrônica Avançada (Ceitec)

Porto Alegre-RS, 05 de fevereiro de 2010

Bem, primeiro, queria pedir desculpas aos companheiros deputados e senadores, e aos companheiros daqui, para diminuir a minha nominata e não precisar falar o nome de ninguém, porque já foram falados quatro vezes o nome de todo mundo.

Segundo, dizer para a imprensa uma coisa. É importante que amanhã os companheiros da imprensa escrevam apenas o seguinte, além do que querem escrever: a fábrica teve o investimento de 400 milhões, só do Ministério da Ciência e Tecnologia. É a primeira fábrica de produção de chips da América Latina. É uma empresa estatal, com fins lucrativos, vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia, criada por meio de um decreto presidencial. Tem como objetivo desenvolver a indústria de semicondutores no Brasil e, consequentemente, a indústria eletrônica. Atua no segmento de identificação por radiofrequência, comunicação sem fio e mídias digitais. É especializada no desenvolvimento e produção de circuitos integrados de aplicação específica. Por exemplo, um chip projetado somente para rodar em um telefone celular, conta com a unidade de *Design House* – na verdade, é uma fábrica de projetos, a mania que a gente tem, de escrever tudo em inglês, tudo... Ou seja, já empregou cem engenheiros, até dezembro de 2009. Toda essa meninada que vocês estão vendo aí, com cara de “bicho grilo”, é engenheiro, toda (incompreensível). Desenvolveu chips para recepção do sistema brasileiro de TV digital, e o chamado “chip do boi”, que a Dilma já falou, que é a primeira grande bandeira do Ceitec. Até maio de 2010, portanto, daqui a poucos meses, a previsão é que a nossa empresa terá mais de 250 funcionários na área de



engenharia, técnicos e especialistas. Em 2010, nós pretendemos executar projeto com colaboração internacional, em nanotecnologia.

Bem, uma coisa vergonhosa que aconteceu no Brasil e que nós vamos ter que correr atrás do bonde, como disse o nosso ministro da Ciência e Tecnologia, é que o Brasil passou um período em diminuiu muito o apetite dos nossos jovens de estudar Engenharia. Muitas vezes, os poucos que estudavam Engenharia, quando se formavam, iam dar palpite no Sistema Financeiro, não é? Você via na televisão, analista de uma série de coisas, era tudo gente dando palpite... Era tudo engenheiro, recém-formado, que tinha enveredado pelo caminho do ministério, ou melhor, do sistema financeiro, em vez de ficar no setor produtivo, no setor de criação de novos produtos.

Um dado, Tigre, grave no Brasil, é que em 1989, portanto, eu estou falando de 20 anos atrás, 1989, o Brasil tinha por volta de 52 mil escritórios de consultoria de engenharia. Em 2000, o Brasil só tinha oito mil escritórios, ou seja, desapareceram mais de 40 mil. Graças a Deus, agora, está voltando a bater nos 50 mil outra vez, escritórios de consultoria de engenharia. E graças a Deus, as universidades voltaram a fazer, sabe, a formar muitos engenheiros e nas universidades que nós estamos colocando, e eu poderia citar como exemplo a Universidade Federal do ABC, em que a gente trabalha com a ideia de que dentro de alguns anos ela será a universidade tecnológica mais importante ou uma das 100 mais importantes do mundo.

Então, o país que não se preocupou em formar engenheiro, não poderia ser competitivo em uma área tão extraordinária como essa área de semicondutores. Quando nós fizemos a discussão para trazer a tevê digital para o Brasil, eu determinei uma viagem da ministra Dilma, do ministro Hélio Costa, se não me falha a memória, do ministro Sérgio Rezende, ou o Mdic, parece que o Celso Amorim... ao Japão. Porque a gente só iria adotar o sistema digital japonês, que depois ficou o sistema digital brasileiro... nipo-brasileiro, porque as universidades brasileiras tiveram um trabalho excepcional.



E aí, ficou provado também que a gente costuma falar mal das nossas universidades, mas nunca pedimos para elas nada, e quando nós pedimos o trabalho sobre a tevê digital, a universidade brasileira estava preparada para discutir com qualquer universidade do mundo.

Pois bem, esses companheiros foram ao Japão e o Japão se comprometeu conosco que iria montar uma fábrica de semicondutores no Brasil. Até hoje, não montou, até hoje, não montou. O Japão tem um problema, está trocando muito de primeiro-ministro. Você faz um acordo com um primeiro-ministro, ele cai, nove meses depois, você tem que... Mas eles sabem do esforço que nós fizemos para introduzir o sistema de TV digital nipo-brasileiro em todos os países da América do Sul – o Chile, a Argentina, a Venezuela, o Peru, falta definir... O Uruguai já definiu pela Europa, não sei se vai mudar de posição, tem a Colômbia, tinha definido, acho, com os Estados Unidos ou com os europeus, de qualquer forma, nós temos uma supremacia de países da América do Sul que adotaram o sistema nipo-brasileiro e, portanto, agora, eles estão mais obrigados a vir trabalhar em uma fábrica de semicondutores no Brasil. É importante que a gente possa, Sérgio Rezende, já que nós temos agora – o Taro Aso caiu e nós temos agora o Hatoyama, que é o primeiro-ministro –, a gente falar com o primeiro-ministro para retomar a conversa sobre a fábrica de semicondutores no nosso país.

Mas o mais importante de tudo, companheiros, é trazer de volta engenheiros brasileiros que estavam no exterior. Pessoas que estavam já desacreditadas de oportunidades no Brasil, pessoas que estavam lá há alguns anos trabalhando no exterior e que de repente viram na nossa empresa a possibilidade de retornarem ao Brasil e poder aqui fazer igual ou mais do que eles faziam lá fora.

Pois bem, eu estava conversando com o Sérgio e estava conversando com os companheiros da direção da nossa empresa que nós vamos ter, logo depois do carnaval, logo depois do carnaval, Sérgio, [que] fazer uma reunião



com algumas instituições do nosso país. Por exemplo, Ministro da Fazenda. Por que o Ministro da Fazenda? Por causa da Casa da Moeda. E a Casa da Moeda faz passaporte e, portanto, o chip pode ser feito aqui por nós, na Ceitec, não tem que ser importado de lugar nenhum, nós poderemos produzi-lo aqui. Banco do Brasil, a quantidade de coisas que podem ser encomendadas pelo Banco do Brasil. Caixa Econômica Federal, a Previdência Social. Ou seja, então, nós precisamos agora, precisamos agora, na verdade, é praticamente enquadrar todo o governo brasileiro e todas as instituições brasileiras, que precisam comprar coisas que nós podemos produzir aqui, para que a gente comece a ver essa empresa crescer, e crescer muito. Na hora em que a gente tiver mais encomenda do que capacidade de produção, aí, sim, a gente vai terceirizar, para alguém produzir para nós, enquanto nós precisamos começar a fazer a segunda fábrica.

Ou seja, o Brasil precisa, agora, sair da mania de pequenez que ele tinha para um pouco da mania de grandeza sem soberba. Porque o Brasil era tão humilde que tudo... Eu lembro, Tigre, estou falando de você aqui por causa que é a representação empresarial aqui do estado do Rio Grande do Sul.

Mas eu lembro do desmonte das coisas que nós já tivemos no Brasil, aqui. A elite é muito esperta, sobretudo quando ela é “emprenhada” pelos ouvidos, pelos doutrinadores estrangeiros que têm interesse aqui dentro. Mas, você está lembrado que nos anos 80 nós tivemos uma geração inteira que foi obrigada a acreditar, ou quis acreditar, que tudo tinha que ser feito lá fora, quando nós tínhamos uma indústria eletrônica, no caso da Embratel, até competitiva. E a gente foi desmontando em nome de uma doutrina. Em nome da doutrina de que a empresa pública não valia nada, de que o Estado não prestava, de que tinha que ser tudo da iniciativa privada, se criou uma guerra desnecessária.

E veja que não foi nenhum cidadão de esquerda, nenhum comunista que descobriu o papel do Estado. Foi o fracasso do sistema financeiro



internacional, há um ano e meio, que fez ressurgir o Estado como único capaz de salvar a economia naquele momento. Ora, nós não queremos estatizar por estatizar. Nós, agora, estamos discutindo banda larga. Estamos discutindo banda larga. Já em 2004, a gente tentou tomar de volta para o governo brasileiro a Eletronet. Ela tinha sido privatizada junto com todo o sistema elétrico para a AES. Depois a AES quebrou, não é? Na verdade, essa empresa deveria ter voltado para o governo, não voltou, e ela detém uma rede de fibra ótica respeitável, e nós queríamos trazer de volta.

Eu imaginei que era fácil, era do Estado. Nós contratamos um advogado e mandamos o advogado ir atrás. Sabe quando tempo levou? Cinco anos. Somente agora que nós conseguimos pegar de volta a Eletronet. E aí começa uma... Um discurso barato, atrasado, de dizer: “Ah, o governo quer estatizar, o governo quer...” O governo não quer estatizar.

Mas a verdade é que as empresas privadas que tinham a obrigação de fazer isso, não fizeram até agora, não fizeram. Nem para montar aqueles telecentrozinhos meia-boca que eram um computador para atender quatro ou cinco pessoas em um lugar (incompreensível), não montaram. Precisou a gente começar a discutir, o governo montar, para eles fazerem um acordo com o governo e resolverem levar a banda larga a todas as escolas públicas brasileiras.

E agora outra vez. Outra vez começaram a dizer que o governo quer estatizar. O governo quer não sei das quantas... Não queremos. Agora, o dado é o seguinte: O governo tem que mostrar que tem bala na agulha para fazer eles fazerem parceria com o governo ou fazerem preços competitivos. Porque se o governo ficar fingindo que não tem, ninguém está a fim de levar nada para pobre neste país. Ninguém está a fim de fazer a última... É a última milha, Dilma? A última milha... Ninguém está a fim disso... Se não for altamente lucrativo.

E somente o Estado é que tem a responsabilidade de garantir que todos



tenham acesso à banda larga, independentemente da origem social. Porque o quê significa banda larga hoje? Significa a gente dar oportunidade ao moleque pobre da periferia de Porto Alegre de competir profissionalmente com o maior grã-fino do melhor escritório da cidade de Porto Alegre. É isso que é garantir oportunidade para as pessoas. E é isso que o Estado... O Estado tem que criar as condições. Ora, se aí, a partir da nossa proposta, as empresas quiserem discutir – e amanhã está tendo reunião com... amanhã, não. Nós já temos a proposta nossa quase que acabada. Mas, como eu sou republicano e democrata, pedi para que o César Alvarez fizesse essa semana, fizemos essa semana, uma reunião com aquilo que eu chamo de “bicho grilo”: todas essas entidades da sociedade civil, que viaja na banda larga, que conhece de tudo. Vamos ouvir o que pensa a sociedade civil, fizemos uma reunião. Agora, vamos fazer uma reunião com todos os empresários. E, segunda-feira, ou terça, eu vou fazer uma reunião, com quem? Com as lan houses. Ou seja, existe 108 mil lan houses no Brasil, nós vamos chamar as representações e vamos fazer. Ou seja, ninguém vai ficar sem ser ouvido, neste país, ninguém.

Agora, todos têm que ter consciência: o governo vai assumir a responsabilidade de levar banda larga a todos os rincões deste país. Queremos fazer em parceria, queremos trabalhar junto com todas as empresas, queremos trabalhar com as grandes empresas, queremos trabalhar com as pequenas empresas, queremos trabalhar com a microempresa. O governo não quer ser o dono da verdade. Agora, se eles não quiserem, podem ter certeza que o governo vai fazer.

E isso aqui é o exemplo de que uma empresa pública... Nós não queremos, acabou o tempo, aquele negócio de o cara ter uma empresa pública e achar que ela tem que ser deficitária. Isso aí é bobagem de quem quer ser deficitário, eu quero é lucro. Então, se tiver uma empresa pública, ela... a não ser na área da saúde, que você não pode lucrar com a doença do povo, mas na oferta de serviço, para que a empresa possa oferecer serviço de qualidade,



pagar bons salários aos funcionários e crescer, ela tem que ganhar pelo que faz. Isso, os comunistas modernos, do século XXI, estão pensando. Os do passado, achavam que tinha que ser tudo deficitário. Não, agora tem que ser tudo superavitário, porque senão o Estado quebra, como quebraram. Nós queremos o Estado...

Não, eu acho o seguinte: o Brasil, uma coisa fantástica é que o Brasil voltou a gostar do Brasil, o Brasil voltou a acreditar no Brasil. Nós começamos a descobrir que não são os americanos que podem, como diz o Obama, somos nós que podemos, porque nós fomos pequenos muito tempo, nós fomos pequenos por dentro, a gente não acreditava na gente, a gente não apostava na gente, a gente estava sempre achando que tinha alguém melhor do que nós. E eu acho que nós somos iguais. O que nós precisamos agora é ter um pouco de ousadia, como teve o Olívio Dutra, quando pensou em criar o Ceitec. Sem dinheiro, com a fé na emenda do Beto. Porque, dinheiro que era bom, não tinha.

Ou seja, e agora está aprovado o quê? Nós aprovamos um PAC de 41 bilhões de ciência e tecnologia. Estava cobrando do Sérgio: Já gastamos o dinheiro? Ele disse: “Vamos gastar mais”. Pois agora, no PAC 2, ele trate de fazer um PAC de Ciência e Tecnologia mais arrojado. Por que, viu, Tigre, uma coisa importante, que nós temos que trabalhar juntos é convencer os empresários brasileiros a acreditarem na inovação. Porque você sabe que é muito fácil fazer o discurso, mas ainda muitos empresários não acreditam, nem pegam o dinheiro que tem lá no Ministério. E nós temos o dinheiro disponibilizado para isso.

Então, é preciso fazer uma campanha conjunta, todo mundo provocar, para que a gente possa acreditar na inovação. E eu acho que nós poderemos fazer isso com muita tranquilidade, discutindo um novo projeto, um novo PAC de Ciência e Tecnologia, colocando mais dinheiro, porque é isso que vai permitir que o Brasil se transforme na quinta economia, na quarta ou na sexta,



que o Banco Mundial e o FMI já estão projetando para 2016.

Portanto, meus companheiros do Ceitec, meus companheiros gaúchos, parabéns. Eu fico feliz que a primeira fábrica de chips da América Latina seja feita no Brasil, seja feita em Porto Alegre. E eu espero que daqui a gente possa ter a possibilidade de uma demanda de encomendas, que a gente possa ter outra fábrica, mais outra, mais outra e, em breve, sermos competitivos com o chamado “mundo desenvolvido”.

Parabéns, um abraço e bom trabalho para todos nós.

(\$211A)